

Contribuição para a nova Política do Café

Prof. CARLOS T. MENDES
Cathedratico de Agricultura da Escola Sup. de
Agricultura "Luiz de Queiroz"

Sob este titulo publicou o Dr. Oscar Thompson, um trabalho que teve a gentileza de remeter á Revista de Agricultura.

Dar simplesmente uma noticia é o mais comodo; criticá-lo é muito difficil. Como porem nos foi dada a incumbencia de apreciar-o de qualquer modo, vamos resumir aqui o nosso modo de ver, salientando apenas o que mais nos feriu a vista.

A solução do problema do café é, no momento em que estamos e no pé em que o collocaram, difficilíma. Duvidamos mesmo que haja quem a encontre sem causar verdadeiras perturbações ou sem propor uma solução lentissima.

A prova do que asseveramos encontra-se no grande numero de soluções que se tem proposto. Dizem que em medicina, quando aparecem mil remedios para uma mesma molestia, é prova de que nenhum cura; é o que acontece com a "tosse comprida".

O Dr. Oscar Thompson pensa ter encontrado a solução para o caso em um conjunto de medidas que se concretisam em dez itens, e se não tiver descoberto o "especifico infalivel" para o mal, tem pelo menos proposto os dois meios que, ao nosso ver, mais nos aproximam da solução natural. Ou melhor, dentre os dez itens citados, dois nos parecem insubstituiveis, constituirão a base de qualquer sistema de salvação que se queira imaginar: a diminuição da tributação que pesa sobre o café, e a diminuição das despezas do Estado.

Logicas como tudo que possa haver de mais logico, não se comprehende que ainda não tenham sido postas em pratica essas duas medidas.

A primeira assim se resume: o café está pagando tributos absurdos, que terminarão por esmagar a nossa principal industria agricola e com ela o proprio Estado,

Ora, é bom não esquecer que quando um trem descarriado á beira de um precipício, se a locomotiva se despenhar, arrastará o comboio todo, moxime no nosso caso, em que os vagõesinhos pouco pesam.

Quanto á segunda medida proposta — a economia por parte do Estado — quando não se evidenciasse a sua necessidade pelo pouco zelo com que são gastos os dinheiros publicos, evidenciar-se-ia, de modo urgente pela imposição do momento. E no entanto não é isso que se observa. Se é verdade que o nosso Estado mantém uma boa organização sob muitos aspectos, não serão menos verdadeiras as seguintes afirmações:

- 1.o) — O que mais enerva o desenvolvimento de uma nação é o imposto desarrasado.
- 2.o) — Aumentar as rendas neste momento, sem impor sacrificios é quasi impossivel; diminuir despesas é mais facil, ou pelo menos mais aconselhavel, ou menos contraproducente.
- 3.o) — Quasi todas as repartições publicas estadoaes tem uma organização excessivamente dispendiosa; muitas vezes mais aparatosa que util.
- 4.o) — Para São Paulo, sinão para todo o Brasil, só ha um caminho a seguir: cortar desapiedadamente as despesas publicas; repetir aqui a obra de Oliveira Salazar.

Estamos portanto de pleno acordo com o autor do trabalho em apreço, que em pag. 12, diz: "Si houver no Estado governo forte que saiba enfrentar a situação economica atual, o seu primeiro dever é cortar nas despesas, *haja o que houver...* (o grifo é nosso).

"Haja o que houver", assim tambem o entendemos, acreditando entretanto que não seria preciso ir a extremos. Mas se for necessario ir a tanto, ainda achamos que é preferivel fazer um sacrificio agora para evitarmos uma situação futura muito peor, talvez sem solução.

* *
*

Quando se desencadeia uma dessas tormentas, muito comuns na organização do nosso paiz, paiz novo e portanto mui-

to sujeito a elas, voltam se todos para o fazendeniro exigindo que produza mais barato, e querem ainda: bom e barato.

E' preciso entretanto desconhecer completamente a fazenda de café para se ter dessas exigencias.

Que se produza cada vez melhor e mais perfeito, deve ser a mira de todos, mas o mais barato tem limites.

O fazendeiro paulista em geral, tem posto em pratica todos os meios viaveis para o barateamento do produto, tem feito todos os esforços possiveis para o conseguir. E no entanto esbarra em dois obices dificeis de remediar, que não se removem facilmente, nem por sua exclusiva vontade: a extensão da cultura e o preço do braço operario.

Quanto ao primeiro é um defeito de origem na organização geral de nossas fazendas, é a consequencia do temperamento dos paulistas.

Trocar essa cultura extensiva por outra mais intensiva, mais produtora por superficie, não pode ser obra do momento; é fenomeno que ha de se dar e todos os dias está se dando, mas só pode se processar por evolução natural, lentamente. A cultura do cafeeiro tendo sido por longos anos uma industria extrativa, não pode se transformar de um momento para outro em uma cultura intensiva.

A evolução dessa organização é evidente, a anciedade que tem o fazendeiro de progredir é inegavel; contam-se por centenas os que já possuem estabulo, outros recebem com avidez o que se lhes ensina.

Mas, confessemos a maior das verdades: em tudo que aconselhamos, em tudo que pretendemos ensinar, ainda tateamos, e dos acertos cabe ainda a maior parte ao proprio fazendeiro. Em resumo, somos principiantes.

Pois bem, se não é facil transformar radicalmente e de momento para outro, façamol-o lentamente: vamos abandonando os talhões menos produtivos e os transformando em capineiras, para que com o gado por elas alimentado, intensificarmos a produção das partes melhores da fazenda; vamos substituindo plantas velhas e decadentes por outras mais novas e vigorosas para quando tivermos que pagar os trabalhos agricolas por mil pés, estarmos pagando de fato "mil pés", e não

esse numero menos 10 ou 15 % de "falhas" ou de plantas inuteis.

Tudo isto é muito aconselhavel, mas tudo isso o fazendeiro já faz ou terá de fazer obrigado pelas circunstancias, e é por isso mesmo que, até certo ponto, somos partidarios da *seleção economica natural*, isto é, do abandono dos fazendeiros aos seus destinos.

Como entretanto esta asserção pode ser mal interpretada, expliquemol-a: o fazendeiro como todo e qualquer outro produtor agricola deve e precisa ser amparado por leis inteligentes que o guiem, que lhe forneçam meios de trabalhar livremente e contar com credito, com o apoio moral e inteligente dos poderes publicos, com leis enfim que o amparem realmente; ao contrario, nunca deveria encarar o Estado como Providencia, como capaz de remediar tudo, de torcer as leis naturaes da produção e do consumo.

Foi este exatamente o nosso mal, foram essas valorisações artificiaes que nos colocaram na triste situação de hoje.

Tudo que se tem feito como valorisações tem sahido carissimo sinão prejudicialissimo.

Liquidado o plano de 1916 com bons resultados, liquidadas as diferenças com a geada de 1918 perdemos a melhor ocasião de nos libertar desse cancro economico quando Washington Luiz se recusára a fazer novas valorisações.

Nada disso se fez e agora é tarde; voltemos portanto á questão da produção por preços baixos.

Não é facil remodelar a fazenda de café para desde logo pela maior produtividade, determinar preços mais baratos de produção e peor ainda será se encarmos a questão pelo lado do salario operario.

Só quem não conhecer a fazenda de café, repetimos, é que pode ter dessas ideas.

O que se paga hoje em nossas fazendas é o minimo que se pode pagar; baixar mais os salarios é atirar o colono na miseria e o proprietario no desespero. Aliás é essa a conclusão do autor do trabalho que motivou estas linhas.

Não estamos mais, nem em epoca, nem em paiz onde o padrão de vida é baixo, as vezes baixissimo como em deze-

nas de paizes-colonias tropicaes que nos movem concurren-
cia com muitos prddutos agricolas.

Creamos uma vida de certo conforto que não pode ser abandonada e, ao contrario, que só deverá ser melhorada porque deixa ainda, na parte agricola, quasi tudo a desejar; fizemos valorisações que contribuíram em muito para encarecer a vida; fizemos mil emissões e temos seguido uma politica economico financeira que trouxeram a ilusão de uma prosperidade falsa em grande parte, uma prosperidade que alterou numeros mas não melhorou relações; montamos uma industria em grande parte ficticia e até parasitaria, que só tem servido para estabelecer uma desigualdade evidente entre o preço do que se produz na terra e o do que se adquire para ser possivel essa produção.

E depois de tudo isso exige-se do fazendeiro que produza melhor e mais barato.

Só mesmo um producto caro como o café seria capaz de vencer tantos obstaculos.

E falam-nos tambem, muito a meude em policultura, e na pequena propriedade...

Se estabelecessemos uma comparação entre o preço das utilidades produzidas pela agricultura e o das que a nossa industria impõe a essa mesma agricultura, e se não estivessemos atravessando um periodo em que todas as nações se entrincheiram em suas alfandegas, deixando desprotegidos, em campo raso, os que o não fizerem, seriamos de opinião que a bem da nossa agricultura e da Nação, demolissemos metade de nossa industria.

De tudo isto se conclue que, apreciando o trabalho do Dr. Oscar Thompson, deixamos de lado oito itens, para nos referirmos somente aos dois principaes, com os quaes estamos, de pleno acordo: diminuição das despesas do Estado e mais moderação nos extorsivos impostos que recaem sobre o café.

Só não estamos muito de acordo com a introdução do referido trabalho...

Piracicaba, Fevereiro de 1933

CARLOS TEIXEIRA MENDES